

A representação do feminino nos jornalísticos da Rede Minas a partir do Dia Internacional da Mulher de 2018¹

Gustavo Teixeira de Faria Pereira²

Caroline Marino³

Iluska Coutinho⁴

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a representação da mulher e o cumprimento ou não dos princípios do jornalismo público a partir de dois programas jornalísticos da Rede Minas, o Minas em Rede e o Jornal Minas. Além disso buscaremos trabalhar os conceitos de dramaturgia do telejornalismo, telejornalismo de qualidade e telejornalismo local, já que esses são importantes no entendimento do histórico da construção dos programas jornalísticos em televisão. A escolha dos conteúdos analisados se deu a partir do Dia Internacional da Mulher, oito de março, e por isso foram investigadas matérias que tinham relação direta com a mulher. A metodologia utilizada foi a Análise da Materialidade Audiovisual, proposta por Iluska Coutinho, e que tem como objetivo a realização de uma investigação mais fiel ao conteúdo audiovisual, observando a sua complexidade e suas várias formas de linguagem presentes nas narrativas audiovisuais.

Palavras-Chave: Pluralismo; Diversidade; Materialidade Audiovisual; Rede Minas; Dia Internacional da Mulher.

Abstract:

This article aims to analyze the representation of women and the fulfillment or not of the principles of public journalism from two journalistic programs of Rede Minas, "Minas em Rede" and "Jornal Minas". In Addition, we will seek to work on the concepts of dramaturgy of telejournalism, quality television and local television news, since these are important in understanding the history of the construction of journalistic television programs. The choice of the contents analyzed was based on the International Day of the Woman, march 8th, and therefore were investigated subjects that had direct relationship with the woman. The methodology used was the Analysis of Audiovisual Materiality, proposed by Iluska Coutinho, which aims to carry out a more faithful investigation to audiovisual content, observing its complexity and its various forms of language present in the audiovisual narratives.

Keywords: Pluralism; Diversity; Audiovisual Materiality; Rede Minas; International Women's Day.

Introdução

A televisão possui uma relação muito próxima com o brasileiro, principalmente devido à presença da imagem em movimento, que revolucionou os meios de comunicação de massa, já que a única experiência até então era com o cinema. No entanto a TV foi além, já que conseguiu implementar uma grade de programação, o que possibilitava a reprodução de conteúdos de diversos formatos e temáticas.

Outra potencialidade da televisão é a experiência do ao vivo, que pela primeira vez permitiu que fosse possível não apenas ouvir, como também ver acontecimentos ou eventos midiáticos em todo o mundo sem a necessidade da presença. Com isso, a TV acabou por se destacando como um meio de comunicação complexo e que possui uma realidade própria.

Portanto buscaremos abordar a questão da representação da mulher e o cumprimento ou não dos preceitos de telejornalismo público, que possui no Manual de Jornalismo da EBC (2013) seus objetivos e regras, a partir da cobertura de dois programas jornalísticos da Rede Minas, o Jornal Minas e o Minas em Rede, sob o enfoque do Dia Internacional da Mulher, que foi comemorado no dia 8 de março de 2018.

Nesse sentido, utilizaremos conceitos que norteiam a pesquisa dos conteúdos au-

diovisuais de caráter público, bem como as mais variadas formas de estudar a televisão e sua complexidade, além do conceito de dramaturgia do telejornalismo, que aproxima as narrativas jornalísticas de espaços de contação de histórias da vida real. Além disso, a intenção é perscrutar o caminho em que o regionalismo surge como uma potencialidade de aproximar o telespectador da narrativa e nesse sentido deveria cumprir um papel de criação de laços de identidade para com o público através do seu conteúdo.

A temática da representação feminina na mídia faz-se necessária devido ao importante papel da mulher na sociedade, mas que muitas das vezes acaba estereotipado ou objetificado pela mídia brasileira, que em geral possui um caráter machista muito arraigado nos seus discursos. Como maior expoente disso temos o emblemático caso Marielle Franco, que antes de ter sido assassinada, era uma das vereadoras mais bem votadas no Rio de Janeiro, além de emergir de classes mais baixas da sociedade e militar em prol da igualdade de direitos independentemente de raça, gênero ou classe social, mas que após ser morta, surgiram vários discursos que tentavam diminuir a importância de Marielle Franco para a sociedade, e ainda houve um grande número de notícias falsas que tentavam

atacar e inferiorizar a ex-vereadora.

No entanto, a despeito desses discursos e notícias falsas, o jornalismo de caráter público tem o papel de se diferenciar de qualquer tipo de preconceito e estereótipo, bem como possui o dever de criar uma narrativa que possa ser representativa para a população brasileira de uma maneira geral, principalmente para os grupos que não são considerados hegemônicos, como as mulheres, que apesar de serem maioria da população do Brasil, não possuem representatividade na mídia.

A IMPORTÂNCIA E RELEVÂNCIA DA TELEVISÃO NA ATUALIDADE

A televisão é um meio de comunicação de massa que demanda uma grande complexidade, principalmente por suas potencialidades audiovisuais e por ser um local em que a tecnologia tem espaço. Desde sua criação diversos teóricos buscam entender essa mídia, principalmente devido ao seu alcance e pela cultura brasileira que está centrada na oralidade. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2014, 97,1 % dos 67 milhões de domicílios no Brasil possuem ao menos uma televisão.

No Brasil estamos terminando um processo intenso iniciado no Governo Lula

¹ Trabalho publicado nos anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom 2018).

² Mestrando em Comunicação pela UFJF e bolsista Capes. Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: gustavo_tfp@yahoo.com.br

³ Mestra em Comunicação pela UFJF. Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: carolinemarinop5@gmail.com

⁴ Doutora em Comunicação Social, professora do curso de Jornalismo e do PPGCOM da Faculdade de Comunicação da UFJF. Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: iluskac@globo.com

de digitalização das TVs em todo o país, com o fim do sinal analógico e a incorporação do sinal digital. Com isso, muda-se mais uma vez o modo de estudar a televisão, já que podemos falar de menos ruídos na imagem, melhora no som, maior resolução e interatividade, que permitem potencialmente um verdadeiro diálogo entre telespectador e emissora.

Além disso, os efeitos da Internet e da convergência midiática são cada vez mais visíveis, principalmente a partir da interação entre telespectador e emissora por meio de redes sociais, memes, quebra da lógica da grade de programação e até mesmo produção de conteúdos televisivos de forma exclusiva para o público na Internet. Ou seja, transforma-se e/ou multiplicam-se as telas, incorporam-se cada vez mais recursos tecnológicos, e com isso também se modificam os modos de ver, e entender a televisão.

Dominique Wolton (1996), em livro intitulado “Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão”, discute a questão da televisão e sua inegável importância na sociedade, bem como a sua utilização para diversos mecanismos de poder e sua relevância na criação de laços sociais. Sua grande importância, porém, poderia ser um obstáculo para sua análise, mais científica.

As primeiras são as causas “objetivas” ligadas à própria natureza da televisão, objeto complexo, inapreensível e cuja banalidade é enganadora. Ela faz parte daquelas realidades em que o desejo de não saber é praticamente proporcional à importância cotidiana de que ela se reveste. As segundas, mais “subjetivas”, têm a ver com o modo como, desde a década de 1950, a maior parte dos agentes envolvidos — políticos, profissionais, intelectuais — falaram sobre a televisão. (WOLTON, 1996, p. 43)

Wolton (1996) destaca ainda que a televisão é uma mídia difícil de ser estudada e analisada, principalmente devido ao envolvimento quase intrínseco do cidadão com esse meio de comunicação que torna mais árdua a tarefa de se distanciar da TV para conseguir estudá-la sem que algumas concepções já estabelecidas sobre essa mídia tenham influência. O autor destaca ainda que a televisão possui tanta influência na sociedade que até mesmo outros meios de comunicação como jornal e rádio passam a repercutir assuntos da TV.

Christina Ferraz Musse e Cláudia Thomé (2015) buscam entender a transformação do telejornalismo a partir do avanço das tecnologias que agora permitem a participação do público na narrativa através do envio de imagens ou vídeos e que portanto transformam os modos de cobertura jornalística em que o telespectador

torna-se também produtor de conteúdo, já que a audiência passa a ser uma nova forma de informação na construção da notícia, e isso acaba sendo facilitado pelo avanço das tecnologias de registro de imagens e pelo crescimento do acesso da sociedade brasileira a dispositivos móveis, que são capazes de captar diversos momentos de seu cotidiano.

Neste contexto, o telejornalismo veicula também narrativas migrantes, que deslizam de um suporte a outro, e que não podem ignorar as outras telas que convivem com a TV na era trans e crossmidiática, isto é, em que a mesma informação é compartilhada em vários suportes. São ainda narrativas em mutação permanente, na troca negociada com outros campos, cada vez que buscam se ancorar em elementos da ficção, apresentando seus personagens e suas cenas. (MUSSE; THOMÉ, 2015, p. 108)

Musse e Thomé (2015) destacam ainda o caráter de mudança da notícia a todo momento, principalmente com a incorporação de outras telas e meios de comunicação que auxiliam na expansão do conteúdo (tele)jornalístico e que possibilitam novas formas de narrativas para além da televisão.

TELEJORNALISMO DE QUALIDADE

No Manual da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) de 2013 são estabelecidos alguns dos princípios norteadores do jornalismo público no Brasil como a pluralidade, diversidade, promoção de cidadania e regionalismo.

Princípios: Fomento à construção da cidadania, ao aperfeiçoamento da democracia e à participação da sociedade; Garantia da expressão da diversidade social, cultural, regional e étnica e da pluralidade de ideias e de percepções da realidade e dos fatos que são objeto de cobertura do jornalismo da EBC; Subordinação aos interesses da sociedade, explicitados por instrumentos formais inseridos na constituição da empresa, respeitando-se a pluralidade da sociedade brasileira; Observância de preceitos éticos no exercício do jornalismo; Autonomia para definir a produção, programação e veiculação de seus conteúdos. (MANUAL DE JORNALISMO DA EBC, 2013, p. 23)

José Tarcísio Silva Oliveira Filho (2016), em sua dissertação de mestrado, “Qualidade no telejornalismo: parâmetros para avaliação em emissoras públicas”, propôs alguns parâmetros que norteariam a análise da qualidade na TV,

com um enfoque na busca por qualidade no jornalismo das emissoras públicas, mas que servem para a televisão de um modo geral. Dentre eles, destacam-se o pluralismo de vozes, a contextualização das matérias e a isenção ou negativa do jornalismo chapa branca.

A partir do Manual de Jornalismo da EBC e dos princípios editoriais do grupo Globo, Silva Oliveira Filho (2016) propõe alguns eixos de análise que tem como objetivo identificarem se um conteúdo é ou não de qualidade. São eles: “Pluralidade; Imparcialidade; Discernimento; Regionalismo; Educação; Debate Público; Inclusão; Inovação; Ética” (SILVA OLIVEIRA FILHO, 2016, p. 113).

Já Beatriz Becker (2005), propõe o conceito de telejornalismo de qualidade como forma de verificação do que a autora chama de informações jornalísticas televisuais, principalmente com o processo da globalização, que gerou uma sociedade global em que é possível saber praticamente tudo que se passa no mundo em tempo real.

O campo da comunicação transcende os estudos dos meios e pode produzir um conhecimento específico sobre a sociabilização e a produção de sentidos na atualidade, decorrente dessa nova realidade histórica. Os serviços da indústria da comunicação, a regulação da mídia e as novas tecnologias de informação deveriam atender prioritariamente ao interesse público, privilegiando o conhecimento e não apenas o mercado. Se os cidadãos não têm acesso à diversidade de opiniões e interpretações, o dilema da democracia não tem solução. (BECKER, 2005, p. 54)

A autora defende que a mídia não apenas observa os acontecimentos e os transmite a população, mas sim age como atores, seja na seleção do que é mais importante ou através das construções das narrativas, e nesse sentido, a televisão ocupa um papel de protagonismo dentre os meios de comunicação de massa como tribunais e árbitros do acesso à existência social e política. “De fato, a TV e os noticiários podem funcionar como instrumentos fundamentais da ampliação ou restrição do interesse e da expressão pública.” (BECKER, 2005, p. 56)

A partir das várias especificidades da televisão e do seu largo alcance nos lares do público brasileiro, surgem os mais variados modos de se estudar a TV. Dada sua relevância social, o meio de comunicação tem na imagem a sua principal forma de passar credibilidade ao público. Outra potencialidade desse meio de comunicação de massa é a perspectiva do ao vivo, que possibilita à televisão transmitir praticamente em tempo real diver-

sos acontecimentos que ocorrem de forma inesperada e que se apresentam com um elevado valor noticioso.

Dramaturgia da televisão e do telejornalismo

O termo dramaturgia tem origem no teatro e significa a arte ou técnica de escrever ou representar. Pallotini (1988) trabalha com a ideia de drama como uma construção inicialmente literária em que a ação e o conflito são elementos essenciais para a narrativa.

Iluska Coutinho (2012), em seu livro *Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG*, busca entender como o telejornalismo tem se apropriado das características da dramaturgia em suas narrativas. A autora destaca que a dramatização nas narrativas ficcionais acaba sendo um processo natural a partir da criação da história e da lógica de enredo e personagem principal.

Nas obras de teledramaturgia, seria possível identificar essa preparação nas telenovelas, quando o telespectador “sabe” de elementos que os personagens desconhecem. Por meio de uma espécie de visibilidade mágica permitida, o autor geraria uma situação de “cumplicidade” com o público. (COUTINHO, 2012, p. 108)

Entretanto, segundo Coutinho, essa apropriação também vem sendo produzida pelos telejornais, no que ela chama de *Dramaturgia do Telejornalismo*, na medida em que eles passam a narrar o mundo e seus acontecimentos por meio da fórmula de contar histórias. Nesse aspecto há a utilização dos personagens, que além de dar voz e representação a certo assunto, entram na narrativa a fim de criar uma maior identificação com o público. “As ações, os personagens e ainda a oferta de uma mensagem moral são também componentes essenciais de uma narrativa dramática, o que nos possibilitaria considerar a organização das notícias em TV como dramaturgia do telejornalismo” (Coutinho, 2012, p. 199).

Se o jornalismo é a arte de contar estórias reais, na televisão essa tarefa seria cumprida com “louvor”, de forma a também mostrar o que aconteceu. Além disso, o jornalismo de televisão se distanciaria das regras jornalísticas previstas em outros mídia, como a abertura da matérias, videoteipe editado no caso do telejornal, pelo que é mais importante, pelo lead. (COUTINHO, 2012, p. 10).

Iluska Coutinho defende que a potencialidade da televisão de trabalhar texto,

imagem, som e edição de material, juntamente com estratégias de espetacularização e até mesmo com o uso de elementos emocionais tem sido cada vez mais incorporadas pelo telejornal, que passa a criar verdadeiras histórias reais, com o objetivo de aproximar o conteúdo dos telespectadores. Com isso, os personagens tornam-se parte da narrativa, como forma de representação real da história criada.

Assim, o que os telespectadores acompanham nos telejornais é uma soma de pequenas tentativas de repetição de alguns fatos, amarrados pelos textos de repórteres e apresentadores, uma “imitação da ação” ou das ações humanas, tal como a definição de Aristóteles para a palavra drama. O sentido de “imitação” tal como proposto pelo filósofo abrange o de representação, no caso, de um conflito que se desenvolveria, sempre com a busca de sua resolução, através das ações dos personagens da estória, da narrativa (COUTINHO, 2012, p. 198 e 199)

A dramaturgia do telejornalismo se apresenta como alternativa para a organização textual do audiovisual, jornalístico, já que cada vez mais os telejornais parecem buscar o caminho das histórias com início, meio e fim, sempre com uma lição de moral ao fim, o que acaba aproximando o conteúdo das telenovelas. Talita Arrebola e Florentina Souza (2016) ressaltam que a utilização de diversos recursos televisivos contribui para a criação dessas narrativas.

A utilização dos recursos audiovisuais de sobe som ou abre áudio e vinhetas podem ser consideradas como a representação, ou imitação, do canto como elemento integrante da receita dramática. Desta maneira, a televisão constrói uma realidade, de códigos sociais, culturais, psicológicos em forma de espetáculo. Os telejornais reúnem um conjunto de fatos construídos com a coleta de imagens, redação de texto. (ARREBOLA; SOUZA, 2016, p. 5)

Segundo Iluska Coutinho (2012) o jornalismo cada vez mais tem se aproximado e se apropriado dessas narrativas dramatizadas e que têm na contação dessas histórias reais a sua principal forma de se fazer jornalismo. A partir dessa dramaturgia é possível pensar também o telejornalismo esportivo, que se apoia na busca de heróis e vilões para criação de conflitos narrativos que se aproximem cada vez mais do público.

TELEJORNALISMO LOCAL E OS COMPROMISSOS DO TELEJORNALISMO PÚBLICO

Conceito ainda pouco trabalhado na comunicação, o regionalismo é um conceito importante para entendermos de que forma o cidadão busca a todo momento se identificar e se sentir representado nos telejornais, seja por meio da participação direta, como por exemplo aparição no telejornal, ou indireta, como envio de materiais, e ainda um terceiro modo por se sentir parte da narrativa audiovisual, se identificando com o conteúdo apresentado e com as situações trabalhadas ao longo das edições.

Iluska Coutinho e Simone Martins (2008) afirmam que o que é produzido em âmbito local cria laços sociais entre a comunidade e quem faz os telejornais, e por isso, o cidadão acaba criando esse sentimento de pertencimento e de identificação. “Na medida em que os telespectadores se identifiquem com as notícias produzidas e veiculadas, ou seja, que se vejam inseridos no contexto da sociedade construída na narrativa apresentada nos telejornais.” (COUTINHO; MARTINS, 2008, p. 2 e 3)

Outra autora que trabalha com a temática é Cícilia Peruzzo, que destaca a importância do telejornalismo local que, após a globalização, ganhou maior força, tanto pela lógica mercadológica, que permite uma cobertura mais ampla a nível nacional, como também no aspecto da proximidade. “O meio de comunicação local tem a possibilidade de mostrar melhor do que qualquer outro a vida em determinadas regiões, municípios, cidades, vilas, bairros, zonas rurais etc.” (PERUZZO, 2005, p.78)

Em sua dissertação de mestrado, Rosanna Enninger (2015) trabalha com a ideia do telejornal local como um tradutor de realidades, já que ele tem com uma de suas principais funções trazer a realidade de âmbito macro para o âmbito micro, mas fazendo com que as pessoas consigam se identificar com as temáticas trabalhadas.

A produção regional é uma maneira de traduzir o mundo para a população ao seu alcance. Por essa razão, se torna necessário que as emissoras conheçam o seu público e o lugar onde estão inseridas, que reelaborem elementos de sua cultura e fortaleçam laços, de modo que as pessoas se identifiquem e se vejam representadas na mídia. (ENNINGER, 2015, p.37)

Já Carolina Fernandes (2010), trabalha com o paradoxo nacional versus local para expor a importância do telejornalismo local ou regional na TV brasileira, ainda que com a crescente globalização da notícia, principalmente com o avanço dos meios eletrônicos e da Internet, que transforma o modo de se produzir notícias.

No universo televisivo, é possível observar a necessidade de estabelecer uma identidade com o público. E a regionalização é um caminho para isso, uma vez que mesmo tendo notícia em nível global, as pessoas necessitam de informações que estão próximas da sua realidade, ou seja, elas precisam ter notícias sobre o que está acontecendo no ambiente em que vivem, no bairro em que moram. (FERNANDES, 2010, p.18)

Segundo Fernandes (2010), o telejornal regional ainda goza de extrema relevância por trazer aspectos do cotidiano das cidades e de retratar o que há de comum entre os moradores daquela região, o que acaba por gerar uma grande proximidade do telespectador para com o conteúdo apresentado.

JORNAL MINAS E MINAS EM REDE

Principal telejornal da Rede Minas, o Jornal Minas conta com duas edições diárias, às 12h30 pela manhã e às 19h15 pela noite, com duração média de 30 minutos, com apresentação de Ruth Soares (1ª edição) e Lorena Amaral (2ª edição). O Jornal Minas se define como um “Telejornal que leva aos mineiros notícias de Minas. Muito além das notícias do estado, o Jornal Minas busca informar o telespectador e o internauta com dicas de saúde, educação, cultura e esporte. O programa traz entrevistas ao vivo, opinião de especialistas e reportagens especiais.” (SITE DO PROGRAMA JORNAL MINAS, 2018)

Já o Minas em Rede, vai ao ar de segunda à sexta-feira, às 7h45 da manhã, com duração média de 15 minutos, e é apresentado por Romina Farca. Com pouco mais de um ano de duração, já que estreou em março de 2017, o programa é estruturado a partir de entradas ao vivo de emissoras por todo o estado de Minas Gerais e por matérias produzidas por emissoras que colaboram com o programa, que é totalmente participativo e aberto à novas parcerias. O Minas em Rede tem como principal diferencial a incorporação de materiais de várias regiões do estado e como principal objetivo promover a participação de emissoras de caráter público de todo estado de Minas Gerais.

ANÁLISE DA MATERIALIDADE AUDIOVISUAL DOS JORNALÍSTICOS DA REDE MINAS

A metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual foi desenvolvida por Iluska Coutinho (2016), no âmbito do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual, para tentar ampliar a observação acerca

dos produtos audiovisuais, principalmente tendo em vista a falta de uma metodologia do campo da comunicação que abarcasse tanto o som quanto a imagem, o texto e as variações de edição dos materiais audiovisuais.

Coutinho (2016) propõe que é necessário escolher o objeto de pesquisa, fazer um levantamento das demandas a serem analisadas, criar uma ficha de análise que contenha as perguntas que respondam ao problema de pesquisa e assim realizar a parte da análise propriamente dita, observando sempre a complexidade do material audiovisual. “Nessa perspectiva poderíamos considerar que o pesquisador comporta-se em certo sentido como um telespectador privilegiado, que desvela estratégias, modos de dizer e sentidos, explícitos ou silenciados, nas narrativas audiovisuais que analisa”. (COUTINHO, 2016, p. 9)

A autora defende ainda que deve-se observar a unidade dos cinco elementos audiovisuais “texto+som+imagem+tempo+edição” a fim de se ter uma investigação mais fiel ao seu objeto.

Para tanto, foram analisadas matérias no dia 8 de março de 2018 tanto do Jornal Minas quanto do Minas em Rede que remetesse diretamente às mulheres, a fim de investigar questões relativas ao cumprimento ou não do telejornalismo cidadão, além de representação e representatividade, promessas tão caras ao telejornalismo público e que ganham uma relevância ainda maior por se tratar de uma data especial.

Os eixos analisados foram quais os conflitos estabelecidos na narrativa; quais fontes/personagens aparecem; dos personagens, quais deles tem ou não voz; se há ou não pluralidade de vozes e de expressões, que nos remete ao número de fontes representadas ou às posições no conflito narrado e à forma de inserção no tema trabalhado; se encontra-se ou não algum tipo de diversidade, seja de gênero, étnica, regional ou mesmo na proposta audiovisual; e se as mulheres são ou não representadas e possuem representatividade nas narrativas construídas pelos jornalísticos.

No Jornal Minas, principal telejornal da Rede Minas e que tem duração média de 30 minutos, foram identificadas três matérias que remetesse às mulheres, sendo essas três as únicas que foram postadas na página do programa no Youtube, e totalizando 12 minutos e 33 segundos de conteúdo dedicado às mulheres no dia internacional da mulher.

As temáticas trabalhadas foram “mulheres negras e a desigualdade”², “machismo no mercado de trabalho”³ e violência contra as mulheres”⁴, e das três matérias,

duas delas trouxeram personagens com voz e opinião, com oportunidade de falarem com propriedade sobre o assunto, mesmo que em uma delas a personagem principal não se identificou por motivos de segurança. Os personagens conseguem contar suas histórias e os conflitos narrativos ficam bem demarcados como posições das próprias fontes que são mulheres e falam com conhecimento sobre as temáticas trabalhadas.

Na matéria em que a temática abordada é a das mulheres negras e a desigualdade, o Jornal Minas opta pela utilização de fontes que possuem embasamento teórico e também prático a respeito do racismo presente na sociedade brasileira, e para isso entrevista fontes como uma doutoranda em comunicação, uma historiadora e uma vereadora, mulheres negras que precisaram conviver com o racismo em suas peles, e ainda assim conseguiram chegar a lugares de destaque na sociedade.

Outra questão investigada está no âmbito da pluralidade de vozes e de expressões, além da diversidade, algo que também encontra-se presente, em alguma medida, nas duas matérias analisadas, já que ambas conseguem trazer a questão da mulher de forma muito clara, e dá voz para que as próprias mulheres consigam falar sobre seus contextos sócio culturais. Além disso, observou-se um esforço em trabalhar a narrativa audiovisual de forma diferenciada e que fosse tanto representativa, quanto conseguisse a promoção de cidadania, compromissos tão caros ao telejornalismo público.

Na matéria sobre violência contra as mulheres fica evidente o esforço do Jornal Minas em trabalhar uma narrativa que pudesse ser diferente tanto no modo de colocar as fontes na matéria, não apenas como vítimas, mas também como pessoas que desejam o fim da violência e que lutam por isso em suas rotinas. Além disso são utilizados diversos recursos gráficos que buscam trabalhar de forma lúdica a violência contra as mulheres, mas que consegue produzir um discurso efetivo e representativo, principalmente para as mulheres que já sofreram algum tipo de assédio ou violência em todos os âmbitos.

No entanto, a outra matéria ficou devendo em todos os pontos analisados, já que falam sobre o machismo no mercado de trabalho e apesar de mostrarem muitos dados que comprovam que as mulheres realmente encontram mais dificuldades no mercado de trabalho, inclusive exemplificando com uma jornalista desempregada que entra na narrativa muito mais na condição de vítima, para personificar o problema, do que propriamente como

2 Matéria do Jornal Minas publicada em 08/03/2018: <https://www.youtube.com/watch?v=784MV-QjQw4&t=1s>

3 Matéria do Jornal Minas publicada em 08/03/2018: <https://www.youtube.com/watch?v=9OuOVgbq9rU&t=74s>

4 Matéria do Jornal Minas publicada em 08/03/2018: <https://www.youtube.com/watch?v=T29Ydk6YU28&t=4s>

alguém que encontra dificuldades com relação ao machismo no mercado de trabalho.

Consequentemente essa matéria não consegue sequer ser plural e diversa e com isso não gera nenhum tipo de representatividade em relação ao telespectador, que tem na jornalista desempregada um exemplo da realidade social do Brasil e também de Minas Gerais, e por isso poderia até se identificar e se sensibilizar ao vê-la em situação desfavorável, mas não sentir na narrativa a presença do machismo no mercado de trabalho, que historicamente é real no país.

Já o Minas em Rede, telejornal que possui uma proposta diferenciada de participação de emissoras locais na produção de conteúdo para o programa, o que em tese abre horizontes para novas narrativas e que tais propostas fossem mais representativas para a sociedade em âmbito regional, foram identificadas duas matérias que remetessem ao dia internacional da mulher em 2018⁵, além de uma fala da apresentadora Romina Farcae que dedica a receita do dia às mulheres, já no fim do programa.

A primeira matéria é composta apenas por uma nota seca da apresentadora em uma comparação do salário entre mulheres e homens em alguns setores da sociedade e por isso não conta com nenhum tipo de recursos audiovisual, o que naturalmente dificulta a análise. Com isso, não consegue cumprir com nenhum dos requisitos analisados, nem pluralidade, nem diversidade e nem representatividade na matéria, já que o conteúdo apresentado é meramente estatístico.

Já na segunda matéria, essa com um maior espaço no programa, cerca de cinco minutos, produzida pela TV Canindé, de Divinópolis, o conflito estabelecido na narrativa é a questão da violência e do papel da mulher na sociedade a partir de um livro produzido por estudantes do ensino público, e portanto as próprias autoras do livro se colocam como personagens ao falarem dos desafios de escrever o livro, bem como um panorama do que foi abordado a partir de suas visões de mundo de como as coisas estão na atualidade.

A narrativa consegue ser tanto plural, por dar voz e poder de fala de forma articulada às fontes, e também consegue ser diverso tanto na questão de gênero, ao conseguir trazer para o lado do feminino e de suas lutas e questionamentos, quanto étnico, ao valorizar a aluna negra que fez parte do livro e que pôde compartilhar um sofrimento ainda maior por conta da cor da pele, como também da proposta audiovisual, que é construída totalmente a partir das autoras do livro, inclusive com recursos audiovisuais que acrescentam na matéria e a tornam mais representativa do

ponto de vista da identificação com o público. Além disso, o aspecto regional é reforçado nos dados apresentados na matéria, e observa-se a preocupação da narrativa em dimensionar os dados para a população mineira, criando um laço de proximidade para com o telespectador.

Uma última questão que se apresenta é em relação a representação do feminino e a representatividade ou não da matéria para com a o público. Observou-se que em ambos os pontos a narrativa consegue cumprir o seu papel, principalmente por criar um conteúdo que seja mais próximo de um público local, o que valoriza o regionalismo, que é uma das promessas do telejornalismo público.

Ainda na questão da representatividade, a matéria consegue ser representativa por tratar de uma temática que busca dar espaço para uma minoria, ou seja, para um fragmento da sociedade que normalmente é silenciada pela mídia hegemônica. O fato de ter sido produzida por uma emissora afiliada também se faz importante por possibilitar um outro olhar para a narrativa audiovisual, nessa matéria em específico, para a presença da mulher na mídia.

No entanto, logo após a matéria, a apresentadora Romina Farcae, ao trazer a receita culinária do dia, se dirige diretamente ao público feminino, o que acaba por reforçar um discurso de que o lugar da mulher seria na cozinha, e portanto, reforçando um estereótipo, algo que deveria ocorrer de forma inversa em uma narrativa de caráter público, onde a questão da receita até poderia ser apresentada como forma de homenagem, mas não destinada apenas ao público feminino, que normalmente é tido pela mídia como aquele que está mais ligado ao ato de cozinhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta os conceitos de dramaturgia do telejornalismo, telejornalismo de qualidade e telejornalismo local, podemos dizer que em geral os conteúdos apresentados pelos programas de cunho jornalístico da Rede Minas, Jornal Minas e Minas em Rede tem conseguido em alguma medida apresentarem uma produção diferenciada em relação ao que é comumente produzido pela mídia hegemônica.

Tal cumprimento está evidenciado tanto na escolha das pautas, que buscam tratar de temáticas em que normalmente são silenciadas pela mídia, como na escolha das fontes e de seu tratamento pela editoria dos programas, já que as fontes, e consequentemente, personagens das narrativas audiovisuais, conseguem não apenas ter voz, como também tem a oportunidade de exporem seus pontos de vista e articular suas ideias.

Entretanto, faz-se importante que a utilização de mulheres e outros grupos mino-

ritários nas narrativas dos telejornais sejam uma constante, e não apenas em datas especiais, ou para tratar de assuntos específicos, como o dia internacional da mulher.

Outra constatação é a de que é possível observar também uma preocupação na escolha das matérias, que vão além do óbvio ao se falar do dia internacional da mulher, já que ao abordarem temáticas como violência contra mulher, mercado de trabalho para as mulheres, mulheres negras e a desigualdade social que elas sofrem, os programas trazem também assuntos que são de fato representativos para a mulher atual, e ao não estereotipar e colocar rótulos, essa representação se torna representativa para o público feminino que de fato convive com a desigualdade em vários setores da sociedade.

Outra categoria analisada foi a diversidade, tão importante para uma fiel representação da população brasileira e de suas muitas possibilidades como nação. Em geral os programas também conseguiram trabalhar tanto questões relacionadas ao gênero, principalmente no entorno do dia da mulher, mas foram além, abordando também questões étnicas e raciais, como na matéria sobre as mulheres negras e a dificuldade em que elas encontram de ocupar cargos mais elevados na sociedade, além de questões regionais, tão importantes para o telejornalismo local, e que é uma das maneiras de gerar uma maior identidade e representação para com o público. Uma outra forma de diversidade presente nos conteúdos do Jornal Minas e Minas em Rede consiste na diversificação da proposta audiovisual, já que os programas conseguem trabalhar as temáticas de uma maneira que foge daquilo que é comumente apresentado no telejornalismo convencional, contextualizando informações, trazendo fontes com um maior espaço de fala e buscando trabalhar recursos audiovisuais.

Um último eixo de análise gira em torno da questão de representação e representatividade. Constatou-se que os programas conseguem na maior parte de suas matérias cumprirem com a promessa do telejornalismo público de oferecer um conteúdo que seja de interesse público e que consiga de fato promover a cidadania, observando as diferenças culturais e sociais presentes na sociedade, e com isso também privilegiando as minorias, que normalmente são silenciadas pela mídia hegemônica.

Em contrapartida podemos colocar que nos dois programas há ao menos uma matéria que não consegue cumprir os compromissos do telejornalismo público, e consequentemente não conseguem ser plurais, diversas e representativas para o público feminino. Uma outra contraposição se dá na receita da broinha do programa Minas em Rede, em que a apresentadora Romina Farcae se dirige exclusivamente às mulheres dedicando a receita a elas, no entanto isso acaba por reforçar um estereótipo de que o lugar das mulheres seria na cozinha.

REFERENCIAL TEÓRICO

ARREBOLA, Talita Lima Chechin Camacho; SOUZA, Florentina das Neves. A dramaturgia no Jornal Nacional: Um estudo dos elementos dramáticos na reportagem. Intercom Sudeste, Curitiba. Anais eletrônicos 2016... Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1195-1.pdf>>

BECKER, Beatriz. Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. Revista Galáxia, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: INTERCOM, 2016, São Paulo, USP, 2016.

COUTINHO, Iluska (organização). A informação na TV pública. 1ª ed. Florianópolis: Insular, 2013.

COUTINHO, Iluska. Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

COUTINHO, Iluska e MARTINS, Simone. Identidade no Telejornalismo Local: A Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu Público, 2008

ENNINGER, Rossana Zott. Análise cultural do telejornalismo local: representação e identidade na RBS TV Santa Rosa. 2015. Dissertação (Mestrado acadêmico) Programa de Pós-Graduação em Comunicação Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

FERNANDES, Carolina. Telejornalismo regional: uma análise dos critérios de noticiabilidade utilizados no Jornal 53 diante da contribuição organizacional e social. 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fernandes-carolina-telejornalismo-regional.pdf>>.

MANUAL DE JORNALISMO DA EBC. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/institucional/sites/_institucional/files/manual_de_jornalismo_ebc.pdf>

MUSSE, Christina Ferraz; THOMÉ, Cláudia. A trama narrativa nas reportagens da TV brasileira: breve análise do meio século de experimentações textuais na maior rede de televisão do país. Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo, (p. 107-132). Coleção Jornalismo Audiovisual. V.4. Florianópolis, Insular, 2015.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

SILVA OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio. Qualidade no Telejornalismo: parâmetros para avaliação em emissoras públicas e comerciais. 2016 Dissertação (Mestrado acadêmico) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

WOLTON, Dominique. Elogio do Grande Público: uma teoria crítica da televisão. Tradução de José Rubens Siqueira, Série Temas, vol. 52, São Paulo, Editora Ática, 1996.